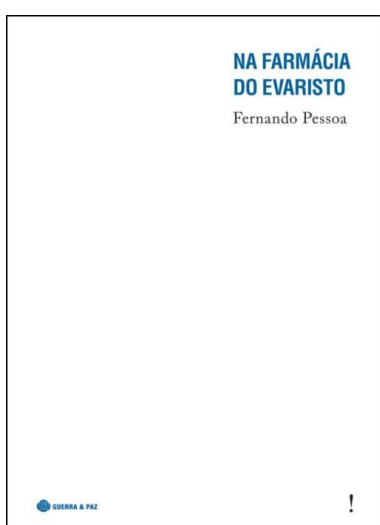


# “Ó Evaristo, tens cá um Gomes Pipa?”: Os múltiplos debates de *Na Farmácia do Evaristo*

[“Hey Evaristo, do you have a Gomes Pipa here?”:  
The multiple debates of *At the Pharmacy of Evaristo*]

Rui Sousa\*

PESSOA, Fernando (2020). *Na Farmácia do Evaristo*. Introdução de Manuel S. Fonseca. Lisboa: Guerra & Paz, 72 pp. [ISBN: 978-989-702-558-7].



É conhecida a atenção constante de Pessoa aos sucessos sociais e políticos do seu tempo, debatidos numa série de projectos literários idealizados e esboçados ao longo de toda a vida.<sup>a</sup> Se é verdade que muitos desses projectos foram rapidamente substituídos por outros, ao sabor da verdadeira explosão de acontecimentos fracturantes que marcou as primeiras décadas do século XX, dentro e fora de Portugal, os poucos que foram dados à estampa evidenciam um aspecto que Joel Serrão exprimiu exemplarmente e que pode exprimir-se do seguinte modo: para que a profundidade teórica e a desenvoltura argumentativa dos raros textos conhecidos em vida fossem possíveis, o seu autor teria necessariamente de ter desenvolvido na sombra um hábito regular com a reflexão política (SERRÃO, 1981: 15).

Apesar do interesse desses textos, não apenas para um mais aprofundado conhecimento do percurso intelectual de Pessoa, mas também para um estudo do impacto dos acontecimentos políticos da época na formação dos intelectuais portugueses, o reconhecimento desse manancial por parte das principais chancelas dedicadas à publicação da obra do autor tem sido muito menos expressivo do que seria expectável. Uma questão que se torna ainda mais evidente no quadro dos textos produzidos, que tem como horizonte os acidentes políticos circunscritos entre a transição da Monarquia para a República e o golpe de estado de 28 de Maio de 1926, muitos dos quais de índole ficcional. Tomando como grandes referentes os três tomos publicados por Joel Serrão entre 1978 e 1980 – *Sobre Portugal. Introdução ao Problema Nacional* (1978), *Da República: 1910-1935* (1979) e *Ultimatum e Páginas de*

---

\* Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias.

<sup>a</sup> Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do Projecto UIDP/00077/2020.

*Sociologia Política* (1980) – é evidente um certo desequilíbrio no ritmo editorial (cf. BARRETO, 2015: 189-193). Peças importantes dessa produção, como *Interregno* (1928), uma parte considerável dos textos sobre Sebastianismo e Quinto Império, o dossier de reflexões dedicadas ao Iberismo ou importantes reflexões do final da vida, como o polémico *Associações Secretas* ou *Nacionalismo Liberal*, foram publicadas nos últimos anos em edições críticas de referência.

Ora, por contraste, *Na Farmácia do Evaristo* corresponde a um conjunto de exercícios ficcionais de teor político acerca dos quais se conhece menos do que seria desejável. A recente edição da responsabilidade da Guerra & Paz teve como grande virtude apresentar individualmente este texto singular, algures entre a discussão filosófica de episódios da contemporaneidade política e o fascínio pela tarefa de raciocinador revelada nos contos policiais de *Quaresma*, *Decifrador*. Servida por um prefácio de Manuel S. Fonseca, onde se expõe o essencial do contexto político do golpe fracassado de 18 de Abril de 1925, a edição inclui ainda duas versões de uma entrevista de Álvaro de Campos, na qual o engenheiro sensacionista comenta o mesmo episódio singular no panorama político da época<sup>1</sup>, a edição acaba, contudo, por não acrescentar muito ao nosso conhecimento do texto. Com efeito, em *Da República: 1910-1935* (1979), Joel Serrão dera a conhecer precisamente a mesma lição, correspondente às cotas 27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-43 a 27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-62.

Um confronto com o espólio pessoano permite perceber que o *corpus* que pode, directa ou indirectamente, relacionar-se com *Na Farmácia do Evaristo*, é bastante mais vasto e complexo, incluindo algumas listas de projectos que permitem concluir que o conceito e algumas das suas personagens pairava no panorama mental do poeta desde a década de 1910<sup>2</sup>. Essa complexidade deve-se sobretudo a dois aspectos muito relevantes: o facto de o protagonista Gomes Pipa ter sido idealizado antes do projecto de *Na Farmácia do Evaristo* para reflectir sobre problemas sociais e políticos, nomeadamente sobre o conceito de propriedade e sobre a noção de capital, e a aparente utilização do título para outros diálogos entre os mesmos intervenientes.

A segunda questão sugere que *Na Farmácia do Evaristo* poderia ser a designação, não de um texto singular, mas de um conceito, a constituição de um espaço público

---

<sup>1</sup> A edição reproduz o excerto específico sobre o golpe de 18 de Abril de 1925, seguido da reprodução do documento na íntegra, conforme publicado em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (PESSOA, 1966: 415-424). Na *Obra Completa de Álvaro de Campos*, acrescentam-se a este documento (21-124<sup>r</sup> a 131<sup>r</sup>) dois outros fragmentos associados à entrevista de Campos (55J-61<sup>r</sup> a 64<sup>r</sup> e 55G-96<sup>r</sup>). A entrevista será provavelmente de Setembro ou Outubro de 1925 (cf. PESSOA, 2014b: 712-713).

<sup>2</sup> Ana Maria Freitas e Manuela Parreira da Silva publicaram em *Cartas, Visões e Outros Textos do Sr. Pantaleão* (2014) um plano da década de 10 incluindo essencialmente projectos de intervenção e de teoria política. Entre esses documentos, encontrava-se “Contos de Gomes Pipa” (políticos), o que permite perceber que desde muito cedo o protagonista de *Na Farmácia do Evaristo* foi delineado para ser o autor de um conjunto de narrativas políticas, do mesmo modo que os diálogos em que posteriormente participa também parecem tratar diversos assuntos (PESSOA, 2014a: 104).

– a farmácia – na qual uma série de amigos de diferentes percursos profissionais e convicções políticas se reúnem para debater problemas filosóficos complexos ou comentar a realidade quotidiana, acabando Gomes Pipa por ocupar um estatuto afim ao de Quaresma. Com efeito, também a designação *Quaresma, Decifrador* serviu de suporte para uma série de narrativas cujas personagens principais, e não apenas o investigador, ganham espessura ao longo de várias aparições. A circunstância de as personagens que aparecem nos vários diálogos não serem sempre as mesmas poderá indiciar que Pessoa pode ter desenvolvido o enredo e os interlocutores ao longo de várias campanhas de escrita, tendo como ponto de partida dois núcleos: a demarcação de um local público de encontro entre amigos e os dois grandes interlocutores, Gomes Pipa e Mendes. O facto de “Na pharmacia do Evaristo” constar num documento datável de 12 de Janeiro de 1914 (48E-29), no qual são elencados diferentes projectos, acentua o facto de que o conceito, associado ou não a Gomes Pipa, pairava desde muito cedo, muito antes do golpe militar de 18 de Abril de 1925 que lhe ficara umbilicalmente ligado em virtude da tradição editorial.

O envelope 27 apresenta uma série de documentos relacionados com Gomes Pipa e *Na Farmácia do Evaristo*, entre pequenos apontamentos, versões alternativas de algumas passagens do texto dado a lume por Joel Serrão, exemplos de outros diálogos ocorridos na farmácia, mas voltados para assuntos distintos, e textos relacionados com Pipa mas, numa primeira leitura, marginais ao contexto dos diálogos. O mesmo ocorre com Mendes, que, como Manuel FONSECA observa no prefácio, corresponde à *dramatis personae* destinada a verbalizar os pontos de vista “politicamente correctos” do republicanismo democrático antes do golpe militar de 1926 (2020: 11), e que surge como protagonista de um esboço de conto intitulado “A Immulher do Mendes”, que parece não estar relacionado com a série de diálogos com a designação geral *Na Farmácia do Evaristo* (27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-42).

Apesar da dificuldade de leitura de alguns documentos, sobretudo os manuscritos, alguns conjuntos são relativamente identificáveis. Os documentos [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-11 a 13], [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-14 a 16] e [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-27 a 32], por exemplo, parecem constituir parcelas de um outro debate na farmácia do Evaristo em torno do conceito de produtividade e da sua relação com o capitalismo, na qual os oponentes parecem ser sobretudo Gomes Pipa e Mendes. Os documentos [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-14 a 16], parcialmente dactilografados, mas com várias passagens manuscritas de difícil leitura, são particularmente sugestivos. Parecendo começar de um modo semelhante ao do texto mais conhecido (27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-43), o debate neles apresentado remete essencialmente para o problema da produtividade, envolvendo no diálogo pelo menos duas outras personagens, Justino dos coiros e um ‘coronel’ que será provavelmente Bastos<sup>3</sup>, personagem relevante na versão mais conhecida de *Na Farmácia do Evaristo*.

---

<sup>3</sup> Pablo Javier PÉREZ LÓPEZ observa, a respeito de um conto que deu a conhecer em 2014, “O Addiador”: “O conto que se transcreve a seguir, intitulado presumivelmente ‘O Addiador’, parece datar de meados de 1920, se atendermos a dois factores: (1) o suporte dos documentos, [...] (2) a

A consulta da documentação parece indiciar também que Pessoa tinha em mente um tema muito importante no quadro das primeiras décadas do século XX: o da legitimidade ou não de um processo revolucionário, que ocorre em diálogos aparentemente distintos. Manuel Villaverde CABRAL observa precisamente o pioneirismo do texto, dado que nele Pessoa,

[...] pela primeira vez, emprega a categoria moderna da legitimação, a fim de justificar o impasse ideológico e institucional, que era, segundo ele, a característica essencial da crítica situação política do país, a qual se prestava a ataques constantes e cada vez mais violentos contra o regime republicano.

(2014: 119)

De facto, a revolução do 5 de Outubro de 1910, um dos assuntos mais demoradamente tratados na versão mais conhecida, parece ser a principal preocupação teórica de Pessoa nos vários fragmentos de diálogos. Na sequência apresentada por Joel Serrão e publicada na edição da Guerra & Paz [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-43 a 62], o 5 de Outubro é o acontecimento histórico que mais conduz à controvérsia entre os interlocutores. Com efeito, confrontado com os argumentos de Mendes para criticar os responsáveis pela tentativa de golpe militar de 18 de Abril de 1925, que serve de mote ao debate, Gomes Pipa argumenta no sentido de demonstrar que nada de particularmente significativo diferencia a revolução de 5 de Outubro do golpe fracassado ou da inclinação política divergente representada pelo momento de Sidónio Pais.

O problema da legitimidade ou não dos momentos revolucionários, estando o 5 de Outubro implicado na discussão, é o assunto privilegiado nas sequências documentais [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-16 a 26], [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-63 e 64], [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-66 a 68], [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-69 e 70], [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-77] e [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-78-79]. Em todos esses documentos, o problema da revolução é discutido, por vezes enquanto mal necessário. Um outro tópico importante é a definição de quais as condições necessárias para que uma revolução se possa considerar legítima e sobretudo possa ser vista como elemento imperativo na fixação de uma nova ideia social e política. O documento 27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-80<sup>v</sup>, também sobre esse problema, apresenta o título “O conceito de tradição”, ajudando a intuir que Pessoa situava a sua preocupação teórica ao nível do jogo problemático entre tradição, revolução e aquela que surge como a mais antiga das tradições, o princípio anárquico. Dos muitos documentos que versam o problema da revolução, o único que parece estar também relacionado com o golpe militar de 18 de Abril de 1925 é [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-71-74]. Apesar da difícil leitura derivada do facto de ser um documento manuscrito, é perceptível que corresponde a uma variante das passagens de *Na Farmácia do Evaristo* em que se discute o facto de duas facções divergentes se digladiarem invocando diferentes leituras de quais seriam os interesses da Pátria.

---

existência de um pequeno esboço conceptual do conto, na folha 48A-60, [...] seguido da caracterização de um segundo e hipotético conto, intitulado – de forma provisória? –, ‘O Major Bastos’” (2014: 169).

Uma edição adequada de *Na Farmácia do Evaristo* deveria, portanto, ter tido em conta, não só este conjunto de documentos, alguns dos quais de transcrição não muito complicada, mas também o modo como interagem com o sistema literário pessoano, nomeadamente o relacionado com outras narrativas ficcionais que têm um enquadramento político. De facto, não só *Na Farmácia do Evaristo* está longe de ser caso único na planificação literária e editorial de Pessoa, como parece não poder ser devidamente apreciado a não ser que se tenha em conta a hipótese forte de ter sido uma designação para um ciclo de debates sobre vários assuntos de que o poeta se ocupou em mais do que um contexto; aliás, esses debates denunciam a complexidade da sua formação.

Os fragmentos sobre o problema da produtividade e do capitalismo, por exemplo, exprimem a formação nas áreas do comércio e da contabilidade que condicionam o seu percurso profissional e se encontram expressos, por exemplo, nos vários contributos para a *Revista de Comércio e Contabilidade*, em 1926 (em linha: <https://purl.pt/26931>). Merece também evidente nota o facto de o ambiente crispado no qual decorrem os embates entre republicanos e monárquicos ser um dos motores de outros núcleos textuais como as *Crónicas da Vida que Passa* (Abril de 1915) ou as produções mais incisivamente políticas de Álvaro de Campos, a carta para *A Capital* na qual se menciona o acidente sofrido por Afonso Costa (6 de Julho de 1915) e *Ultimatum* (1917; [http://ric.slhi.pt/Portugal\\_Futurista/revista](http://ric.slhi.pt/Portugal_Futurista/revista)). O prefácio de Manuel S. Fonseca teria beneficiado de uma mais ampla atenção à presença contínua da problematização política na obra de Pessoa e não apenas à contextualização do golpe militar de 18 de Abril de 1925, que é apenas um dos pretextos para alguns dos problemas levantados na discussão. Provavelmente tão ou mais interessante do que a especulação sobre o que teria escrito Pessoa a respeito do 25 de Abril de 1974, se tivesse sobrevivido incólume às décadas de enorme silenciamento da realidade política nacional de que o poeta se ressentia nas derradeiras produções, seria uma mais ampla situação dos argumentos defendidos em *Na Farmácia do Evaristo* no contexto da evolução do pensamento político pessoano entre a juventude republicana e o liberalismo antitotalitário do fim da vida.

Uma edição completa de *Na Farmácia do Evaristo* deveria ter também em conta a constituição da figura de Gomes Pipa para além do *corpus* textual em que mais decisivamente parece adquirir configuração. Os documentos [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-34<sup>?</sup>], [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-35] e [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-37-38], por exemplo, são indicados como pertencendo ao projecto (ou projectos) a desenvolver em torno da figura de Gomes Pipa. Apesar de todos esses documentos tratarem assuntos de natureza económica, como a definição dos conceitos de produtividade e de capital ou a necessidade de o Estado assumir sobretudo um papel de regulamentação das actividades individuais no seio da colectividade, não são visíveis indícios de que poderiam pertencer a parcelas de diálogos entre diferentes personagens. Na melhor das hipóteses, poderiam ser entendidos como esboços para os argumentos a utilizar por Gomes Pipa, mas o mais

provável é que esses documentos pertençam ao quadro dos projectos idealizados no início da década de 20 tendo Pipa como um teórico de assuntos económicos e políticos, evoluindo depois para a exploração de outras vocações do poeta, como a teoria política ou a análise sociológica<sup>4</sup>. Os documentos [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-16 a 26] e [27<sup>13</sup> U<sup>2</sup>-37 a 39], por exemplo, abordam assuntos afins dos que orientam o debate da versão fixada pela tradição, embora de acordo com um outro ângulo teórico caro a Pessoa, a relação entre a hereditariedade e os efeitos do meio na constituição de um indivíduo ou de um organismo político nacional.

A edição de *Na Farmácia do Evaristo* dada à estampa pela chancela Guerra & Paz pode enquadrar-se no âmbito de alguns projectos editoriais recentes, como, por exemplo, aquele que tem sido promovido por uma outra editora, a *apenas livros*. Com efeito, ainda que com diferentes critérios e distinta atenção a questões filológicas e ao contacto com o espólio de Pessoa, as duas chancelas têm privilegiado volumes dedicados a recolhas temáticas idiossincráticas ou à revisitação de textos menos lembrados de Pessoa, que deste modo adquirem um pouco mais de visibilidade junto do público não especializado. No caso da Guerra & Paz, merecem nota, além da edição de textos autónomos – *Tabacaria*, em cinco idiomas diferentes (2006), *O Banqueiro Anarquista* (2016; 2021), *Saudação a Walt Whitman* (2017), *Mensagem* (2018), e *Na Farmácia do Evaristo* (2020), a que pode somar-se a tradução pessoana de *The Scarlet Letter*, de Nathaniel Hawthorne (2018) – as singulares antologias temáticas idealizadas e apresentadas por Manuel S. Fonseca. São os casos de *Livro de Viagem: A Melhor Maneira de Viajar é Sentir* (2009), *Minha Mulher, a Solidão* (2015), *Absinto, Ópio, Tabaco e Outros Fumos. Um Livro de Vícios: Antologia* (2018), *Não a Ti, Cristo, Odeio ou Menos Prezo: Um Deus a Mais, Talvez Um que Faltava* (2018), *Tenho Medo de Partir: Um Livro de Viagens* (2018), *Conselhos às Malcasadas: As Mal Casadas São Todas as Mulheres Casadas, e Algumas Solteiras* (2018) e *Que Salazar era o Salazar de Fernando Pessoa?* (2021).

Esse labor editorial, louvável enquanto mecanismo de ampliação do reconhecimento das diferentes facetas da obra de Pessoa através de livros esteticamente apelativos, com títulos curiosos e algo inesperados e com um custo não muito elevado, não substitui obviamente o contacto com as edições críticas de referência. No caso dos textos cujo tratamento editorial ainda não foi aprofundado, como é o caso de *Na Farmácia do Evaristo*, a importância de uma edição crítica futura deve considerar-se indispensável para o conhecimento da amplitude e diversidade que Pessoa parece ter pensado conferir-lhe. Só desse modo será possível a devida inclusão deste projecto no território mais vasto da teoria política de Pessoa ao longo das décadas de 10 e de 20, abrangendo os documentos alusivos a Gomes Pipa e

---

<sup>4</sup> O alcance sociológico de *Na Farmácia do Evaristo* encontra-se implícito, por exemplo, no doc. 92M-20, no qual se encontra uma lista de projectos de “Sociologia Política”. Depois de apresentados alguns nomes de projectos, pode ler-se o seguinte: “1. What is left over for ‘Pharmacia do Evaristo?’”.

outras personagens inseridas no espaço de tolerância discursiva que se encena em *Na Farmácia do Evaristo*. A fazer lembrar, de resto, o contexto de um bem mais conhecido núcleo de personalidades rivais, mas pensadas em estreita interacção, o dos heterónimos. Com efeito, em algumas das *Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro*, de Álvaro de Campos, encontra-se muito desse sabor polémico das controvérsias entre amigos que anima os encontros entre Gomes Pipa, Mendes, Bastos e outros convivas.

## Bibliografia

- BARRETO, José (2015). “A poesia política de Fernando Pessoa”. *Abril – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, vol. 7, n.º 14, pp. 189-209. Disponível em linha: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29859>
- CABRAL, Manuel Villaverde (2014). “A estética do nacionalismo: Modernismo literário e autoritarismo político em Portugal”. *Novos Estudos CEBRAP*, n.º 98, pp. 94-123. Em linha: <https://www.scielo.br/j/nec/a/BbSHwgQ85HQRpH4b5twypYx/abstract/?lang=pt>
- FONSECA, Manuel S. (2020). “Fernando Pessoa, o 28 de Maio e o 25 de Abril”. *Na Farmácia do Evaristo*. Lisboa: Guerra & Paz, pp. 9-17.
- PÉREZ LÓPEZ, Pablo Javier (2014). “O Addiador: um conto inédito de Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 5, Primavera, pp. 168-179. Brown Digital Repository, Brown Univesrity Library. <https://doi.org/10.7301/Z0RR1WQ1>
- PESSOA, Fernando (2014a). *Cartas, Visões e Outros Textos do Sr. Pantaleão*. Edição de Ana Maria Freitas e Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2014b). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello. Lisboa: Tinta-da-china.
- (1979). *Da República: 1910-1935*. Recolha de textos Isabel Rocheta e Paula Mourão. Introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática.
- (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- SERRÃO, Joel (1981). *Fernando Pessoa, Cidadão do Imaginário*. Lisboa: Livros Horizonte.

**RUI SOUSA** concluiu Licenciatura em Estudos Portugueses e Mestrado em Estudos Românicos – Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea – pela FLUL, tendo também concluído recentemente Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura pela mesma universidade, com uma tese dedicada ao conceito de Libertino na obra de Luiz Pacheco. Publicou ensaios sobre Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens na antologia *1915: O Ano do Orpheu*, coordenada por Steffen Dix, e colaborou em números recentes da *Pessoa Plural* e em eventos organizados pelo Projecto Estranhar Pessoa e pela Casa Fernando Pessoa. Publicou em 2016 o livro, *A Presença do Abjecto no Surrealismo Português*. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Prepara um projecto de investigação relacionado com as interações entre a literatura, a filosofia e a política no contexto do Modernismo e do Surrealismo em Portugal, procurando explorar mais aprofundadamente o papel da mitologia na intervenção política dos grupos literários e a forte presença dos processos de hibridismo e de sincretismo numa progressiva reflexão sobre a cultura como realidade plural e globalizada.

**RUI SOUSA** earned a degree in Portuguese Studies and obtained a master's degree in Romance Studies—Modern and Contemporary Portuguese Literature—from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Lisbon. He recently obtained his doctorate with a dissertation dedicated to the concept of the libertine in the work of Luiz Pacheco. He has published essays on Ronald de Carvalho and Eduardo Guimaraens, in the anthology *1915: The Year of Orpheu* (2015) coordinated by Steffen Dix and has published studies on Pessoa in *Pessoa Plural* and in projects coordinated by Estranhar Pessoa and by Casa Fernando Pessoa. In 2016 he published the book *A Presença do Abjecto no Surrealismo Português*. He is a researcher at the Centre for Lusophone and European Literatures and Cultures at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Lisbon (CLEPUL). He is working on a research project on the interactions between literature, philosophy, and politics with respect to Modernism and Surrealism in Portugal, seeking to explore the role of mythology in the political intervention of literary groups and the strong presence of hybrid processes and syncretism in the progressive reflection on culture as a plural and globalized reality.